SÉRIE 4 - N.º 155 | ABR./JUN.-2018 TRIMENSÁRIO - € 0,20 | PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES** | WWW.**URAP**.PT | geral@urap.pt

URAP



PAZ, DEMOCRACIA, SOLIDARIEDADE

«Tenho o prazer de anunciar que a próxima cimeira da NATO terá lugar a 11 e 12 de Julho de 2018, em Bruxelas», anunciou Stoltenberg, Secretário-geral da NATO, num comunicado onde afirma igualmente que tropas desta organização estão a esforçar-se para responder «à evolução das ameaças» e que continuam «plenamente operacionais a Leste».

No momento actual, onde a nível internacional se mantêm e surgem novos conflitos armados, como a guerra na Síria que dura há mais de sete anos e onde a falso pretexto da existência e uso de armas químicas França, EUA e Reino Unido bombardearam Damasco; na Ucrânia, em guerra civil desde 2014, após a chegada ao poder de um governo que integra desde populistas a forças abertamente fascistas e nazis; no Iémen, entre tantos outros… a NATO mais uma vez demonstra ser uma força militar ao serviço do imperialismo americano com claros objectivos de destabilização de regiões e estados não submetidos aos seus ditames e contribui para a militarização e desrespeito pelo princípio da resolução pacífica dos conflitos.

Não esqueçamos que a NATO, aquando da sua fundação em 1949, «reciclou» vários generais e oficiais da Alemanha nazi, utilizando-os em várias operações e colocando-os em altas patentes ao serviço dos seus interesses.

Prossegue igualmente a repressão ao povo palestino: são já mais de 120 os mortos palestinianos e mais de 13 300 os feridos desde 30 de Março, quando começaram as manifestações da «Grande Marcha de Retorno», onde os palestinianos regressam simbolicamente à fronteira com Israel exigindo o retorno às suas casas, de onde foram expulsos na sequência da ocupação israelita, que prossegue a cada dia, sendo recebidos com tiros e gás lacrimogéneo que vitimam desde enfermeiros a crianças.

A nível europeu, ao mesmo tempo que forças xenófobas, de extrema-direita e até abertamente fascistas têm cada vez maior expressão e influência, chegando a integrar governos, prossegue a discussão e preparativos para a formação de um «Exército Europeu», que, a ser criado, estará pronto a fazer não só intervenções militares na própria Europa como noutros continentes.

A luta pela paz é por isso neste momento uma prioridade da luta antifascista a que a URAP dá a maior importância, associando-se e subscrevendo iniciativas de apoio aos povos, como as de dia 11 e 14 de Maio de solidariedade e apoio à Palestina, e no próximo dia 20 de Outubro com o Encontro Pela Paz promovido em conjunto com o CPPC e outras associações.

Considerando ser dever de todos os democratas e antifascistas de prosseguirem a acção em prol de um mundo de paz, de democracia e de solidariedade para com os povos, especialmente aqueles que diariamente lutam e resistem a agressões do Imperialismo, a URAP não deixará de cumprir o seu papel.

Francisco Canelas

ASSEMBLEIA-GERAL TRAÇA LINHAS DE ACÇÃO - págs. 6 e 7
No dia 24 de Março realizou-se em Lisboa a assembleia-geral da URAP, que testemunhou a ampliação da actividade e da presença nacional da URAP.

EVOCAÇÃO DOS 45 ANOS DO III CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA - págs. 8 e 9

ENTREVISTA COM SUSANA SOUSA DIAS, REALIZADORA DE «LUZ OBSCURA» - págs. 10 e 11

LIVRO «FORTE DE PENICHE – MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E LUTA»

TERCEIRA EDIÇÃO APRESENTADA EM TODO O PAÍS







A terceira edição do livro «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta», no qual se pode ler a história da fortaleza e dos presos que lá estiveram encarcerados, tem sido lançada em vários pontos do País em colaboração com câmaras municipais, juntas de freguesia e outras instituições.

Durante o mês de Abril, destaca-se o lançamento, no dia 4, na Associação de Reformados da **Reboleira** e na Associação de Reformados de **Rio de Mouro**, ambas com os dirigentes da URAP César Roussado e José Pedro Soares. A 14, Vítor Dias e Adelino Pereira da Silva apresentaram o livro no **Couço**, a convite da presidente da Junta de Freguesia, Ortelinda Camões Graça.

Enquanto a 21 foi lançado em **Alpiarça** e no **Alvito**. No primeiro, por Manuela Bernardino e Álvaro Pato, com a presença do presidente da Câmara Municipal, Mário Atracado Pereira. No segundo, com José Pedro Soares, e também a participação do presidente da Câmara, António João Feio Valério.

Sobral de Monte Agraço recebeu José Pedro Soares para falar do livro, no dia 22, na presença do presidente da Câmara Municipal, José Alberto Quintino. No mesmo dia, na **Amadora**, nos Bombeiros Voluntários, Vítor Dias e Adelino Pereira da Silva realizaram uma sessão, seguida de almoço, dirigida por João Cravo, do núcleo da URAP da Amadora, para apresentar o livro.

A 23, Dia Internacional do Livro, em **Alcácer do Sal**, Domingos Abrantes lançou o livro na Biblioteca Municipal na presença do presidente da Câmara Municipal, Vítor Proença. E nessa mesma data, em **Grândola,** Manuela Bernardino, Manuel Candeias e José Pedro Soares falaram sobre o livro no Cine-Teatro Grandolense, numa sessão que contou ainda com um grupo de jovens que leu poemas da obra e com a actuação do Coro Alentejano de Grândola.

Dia 29, foi a vez de **Ervidel**, com Vítor Dias e José Pedro Soares a lançar o livro no Centro Cultural, contando com o apoio da Junta de Freguesia.

MAIO INTENSO

Já no mês de Maio, dia 5, no Auditório Municipal de **Torres Vedras**, Vítor Dias, José Pedro Soares e Herculano Neto falaram sobre o livro num colóquio que teve a presença do presidente da Câmara Municipal, Carlos Antunes Bernardes. A sessão foi animada por jovens músicos do município.

José Pedro Soares deslocou-se à Associação de Reformados de **Pinhal de Frades** para apresentar o livro, dia 10, e Fernando Penteado leu poemas do livro.

Dia 23, em **Lisboa**, no Centro do PCP Vitória, numa iniciativa conjunta da URAP e da Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP, Vítor Dias e José Pedro Soares, da URAP, e Elisabete Santos, do PCP, apresentaram o livro. Dia 26, a apresentação decorreu no Museu de **Santiago do Cacém**, numa iniciativa da URAP que contou com a colaboração da Câmara Municipal. Estiveram presentes José Pedro Soares, Vítor Dias e o presidente do município, Álvaro Beijinha.

O livro «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta», da autoria da URAP, foi lançado pela primeira vez em **Lisboa** na Fundação José Saramago, a 4 de Maio de 2017, e inseriu-se na luta de todos os democratas para retirar o Forte de Peniche do programa REVIVE, que visava transformá-lo numa unidade hoteleira. Hoje, com o forte em obras e marcada a inauguração do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade para 27 de Abril de 2019 – 45 anos após a libertação dos presos daquela cadeia do regime fascista –, mantém-se a necessidade de divulgar a obra, entretanto actualizada, e que já vai na terceira edição.

URAP
Propriedade e edição da
UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES
Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BERNARDO LIMA, 23 - 1º ESQ.
1150-075 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

Criado núcleo de Loures/Odivelas
URAP ESTRUTURA-SE E REFORÇA-SE

O Museu da Cerâmica, em Sacavém, foi palco no sábado, 12 de Maio, da cerimónia de constituição do núcleo de Loures/Odivelas, com a presença da coordenadora da URAP e do presidente da Câmara de Loures, Bernardino Soares. Marília Villaverde Cabral destacou o trabalho conjunto entre a autarquia e as escolas do concelho, nomeadamente para celebrar o 25 de Abril. Para o presidente da Câmara, que encerrou a sessão, compete a uma autarquia trabalhar na investigação histórica e «criar cultura». Intervieram ainda Eduardo Baptista, do núcleo, e o antigo preso político Félix Pinho.



HOMENAGEM AO TRABALHADOR ALENTEJANO



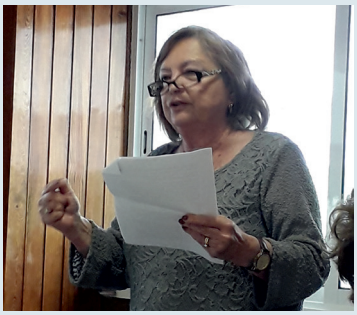
O trabalhador alentejano levou a cabo, depois de 25 de Abril, uma revolução dentro da revolução, com a intensificação da luta por melhores salários, condições de trabalho e garantia de emprego. Um forte movimento de ocupação de terras, expropriadas aos latifundiários, conduziu à Reforma Agrária assente em unidades colectivas de produção ou cooperativas, exploradas por pequenos agricultores e trabalhadores rurais. A Reforma Agrária foi destruída e ao Alentejo voltou o desemprego e os milhares de hectares subaproveitados.

Foi para homenagear o Trabalhador Alentejano, as lutas dos assalariados agrícolas e as milhares de prisões antes do 25 de Abril, que a Casa do Alentejo e a URAP dedicaram todo o dia 19 de Maio, com um almoço e outras actividades em que participaram cerca de 200 pessoas. A cerimónia contou também com a assinatura de um protocolo entre as duas entidades, rubricado por João Proença, presidente da Casa do Alentejo, e Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP.

Intervieram a vice-presidente da Casa do Alentejo, Rosa Calado, e César Roussado, da URAP, em nome da Comissão Organizadora. A declamação de poemas por Domingos Lobo e Manuel Diogo; o fado de Mira Serrano; e o cante alentejano pelo grupo «Os Amigos do Barreiro» constituíram os momentos culturais. O livro sobre o Forte de Peniche foi apresentado na ocasião por Vítor Dias e José Pedro Soares.

Entre as duas centenas de participantes encontrava-se um grupo de 50 democratas do Núcleo do Porto, que visitaram da parte da manhã o Museu do Aljube, tendo como guia o ex-preso político Domingos Abrantes.

ALMOÇO ASSINALA 42 ANOS DA URAP



A URAP comemorou o seu 42.º aniversário num almoço realizado em Lisboa a 28 de Abril, no qual participaram 70 pessoas. Aberta por César Roussado, do Conselho Directivo, a iniciativa contou com a intervenção da coordenadora Marília Villaverde Cabral.

ANTIFASCISTAS FALECIDOS

EXEMPLOS QUE PERMANECEM

Nos últimos meses faleceram valiosos antifascistas, deixando como legados multifacetados a sua coragem, abnegação e combate pela liberdade e a democracia.

António Arnaut

O socialista e advogado António Arnaut, nascido em Cumeeira, Penela, morreu a 21 de Maio aos 82 anos em Coimbra, onde se encontrava hospitalizado. Presidente honorário do PS desde 2016, foi ministro dos Assuntos Sociais, Saúde e Segurança Social no II Governo Constitucional, tendo assinado o despacho que criou o Serviço Nacional de Saúde, publicado no Diário da República em 29 de Julho de 1978.

Foi ainda deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República, Grão-Mestre da loja maçónica do Grande Oriente Lusitano e foi agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem da Liberdade e com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

Poeta e escritor, António Arnaut foi desde muito jovem um combatente antifascista e participou em acções unitárias democráticas como a comissão distrital de Coimbra da candidatura presidencial de Humberto Delgado. Destacou-se na defesa dos valores de Abril,

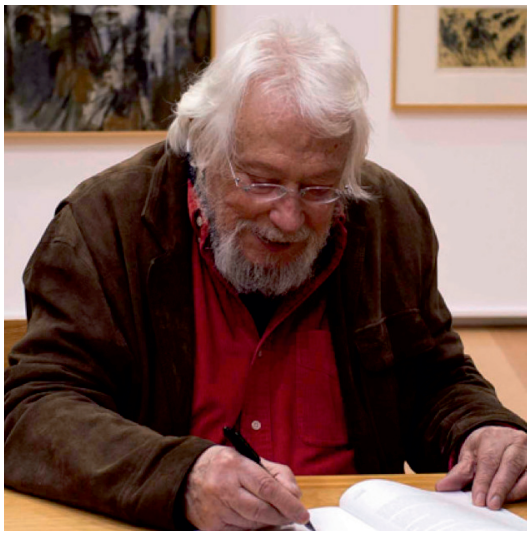


nomeadamente a saúde e outros direitos sociais e democráticos consagrados na Constituição da República Portuguesa.

Júlio Pomar

Artista plástico, militante activo contra a ditadura e democrata convicto, Júlio Pomar morreu a 22 de Maio, aos 92 anos. Nascido a 10 de Janeiro de 1926, em Lisboa, frequentou a Escola António Arroio e a Escola de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, que abandonou em 1944 na sequência de um processo disciplinar por motivos políticos. Expôs pela primeira vez, em grupo, em 1942, em Lisboa, e individualmente, em 1947, no Porto.

Integrou o Movimento de Unidade Democrática (MUD) e participou nas lutas estudantis, o que lhe custou a expulsão da ESBAP, e em 1945 filiou-se nas Juventudes Comunistas. Foi preso pela PIDE, na década de 40, por pertencer à direcção do MUD Juvenil e viu a apreensão de um dos seus quadros pela polícia política e a ocultação dos frescos de mais de 100m2 realizados para o Cinema Batalha.



Dirigiu a página semanal de arte do diário A Tarde (Porto), colaborou com as revistas Mundo Literário, Seara Nova, Vértice e Horizonte e escreveu alguns livros. Em 1949 é afastado do lugar de professor devido à sua participação na candidatura de Norton de Matos. Permaneceu em Portugal até 1963, ano em que fixou residência em Paris, num exílio que durou 20 anos.

Júlio Pomar instituiu em 2004 uma Fundação com o seu nome. Em Abril de 2013 foi inaugurado o Atelier-Museu Júlio Pomar, criado pela Câmara Municipal de Lisboa, num edifício reabilitado por Álvaro Siza Vieira.

José Pulquério

Aos 96 anos morreu a 23 de Abril o antifascista, militante e funcionário do PCP José Pulquério. Foi preso por duas vezes, em Caxias e Peniche, onde permaneceu durante quatro anos. Trabalhador agrícola em Vale de Vargo foi com a sua companheira, na clandestinidade, responsável por tipografias clandestinas. Após a revolução, como funcionário do PCP, assumiu tarefas de apoio à direcção e trabalhou na sede central do partido.

Era viúvo de Úrsula Machado Castelhano, também ela natural de Vale de Vargo, com quem teve três filhas: Maria José, Maria Machado e Úrsula Pulquério, conhecida como Luísa Basto, intérprete da canção *Avante, Camarada*.

A sua vida na clandestinidade, assim como a da sua família, constitui um exemplo do espírito de abnegação com que alguns companheiros se entregaram aos combates que conduziram ao 25 de Abril de 1974.



COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

AFIRMAR E DEFENDER OS VALORES DA REVOLUÇÃO



As comemorações da Revolução de Abril foram imensas, este ano, o que ficou desde logo evidente nos **grandes desfiles populares de Lisboa e Porto.** A URAP, lado a lado com muitas outras organizações e movimentos, participou nestas duas grandes iniciativas, afirmando a necessidade de lembrar o que foi o fascismo e a resistência, afirmar os valores de Abril e defender a democracia e a liberdade face às novas ameaças.

Para além destas duas grandes acções, realizaram-se outras – por iniciativa de municípios, freguesias e movimento associativo, em muitas das quais a URAP assumiu um papel central. Uma delas teve lugar na freguesia do Fogueteiro, concelho do Seixal, onde foi inaugurado o **Monumento aos Resistentes Antifascistas**, numa nova rotunda da freguesia, visando homenagear os portugueses que durante a ditadura lutaram por um Portugal livre e democrático. A inauguração decorreu no próprio dia 25 de Abril, com a presença de Francisco Braga, resistente antifascista, ex-preso político e membro da URAP, e ainda Joaquim Santos, Alfredo Monteiro e Manuel Araújo, presidentes da Câmara e Assembleia municipais e da Junta de Freguesia.

Outra vertente das comemorações do 44.º aniversário da Revolução em que a URAP se destaca é nas **sessões e debates em escolas**. Na sua maioria, destinaram-se a estudantes do Ensino Secundário, entre os 15 e os 18 anos, embora também tenham decorrido sessões para estudantes dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico (com idades compreendidas entre os 10 e os 14) e, inclusive, para alunos do primeiro ciclo. Houve ainda uma sessão numa instituição do Ensino Superior, promovida por uma associação de estudantes.





No total, a URAP dinamizou e participou em **42 sessões**, que envolveram mais de **3000 estudantes**. Relativamente ao ano anterior, mais que duplicou o número de sessões. Apesar disso, é possível crescer ainda mais, sendo que a maior das sessões ainda se centram muito nos distritos de Lisboa e Setúbal, embora se tenham realizado várias em distritos mais afastados desses centros.

A formação do novo núcleo de Loures-Odivelas foi fundamental para, com maior rapidez, responder aos pedidos das escolas de Loures, que a Câmara nos faz chegar. Isto revela como é importante «descentralizar» a actividade e a organização da URAP, procurando envolver os núcleos na organização de sessões nas suas zonas.

O núcleo do Porto da URAP organizou ainda uma sessão, dia 28 de Abril, na antiga delegação da PIDE, para evocar a tomada do edifício pelo MFA, ocorrida a 26 de Abril de 1974, e comemorar o aniversário da URAP.

BALANÇO, INICIATIVA, REFORÇO

ASSEMBLEIA-GERAL REVELA DINÂMICA



A Assembleia-geral (AG) da URAP realizou-se, dia 24 de Março, na sede da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, em Lisboa, para apreciar e votar o Relatório de Actividades e o Relatório de Contas de 2017 e apresentar o Plano de Actividades para o ano em curso.

José Manuel Vargas, da direcção, apresentou o relatório de actividades de 2017, destacando o reforço da URAP com mais 87 novos associados, a recuperação significativa de quotas em atraso e o contacto com sócios mais afastados. Entre as actividades de maior relevo, lembrou a inauguração do monumento aos presos políticos de Peniche, onde ocorreram diversas visitas colectivas e sessões, sublinhou as acções em defesa do Forte de Peniche e a criação de um museu da resistência no local.

A edição do livro «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta», uma iniciativa da URAP, no qual se pode ler a história da fortaleza e dos presos que lá estiveram encarcerados, foi igualmente mencionado, realçando-se o facto de já estar na terceira edição.

ORGANIZAR E AGIR

Coube à coordenadora da URAP apresentar o plano de actividades para 2018, anunciando como primeira grande tarefa a organização pelo núcleo de Aveiro, com o apoio de todas as estruturas centrais, das comemorações do 45.º aniversário do III Congresso da Oposição Democrática, em 7 de Abril.

«Lembrar o Congresso de Aveiro tem uma grande importância porque se há gerações que o viveram e compreendem o que significou aquela grande Jornada, as novas gerações não têm disso conhecimento. Mas mesmo para nós que o vivemos, em 1973, é importante lembrar e homenagear todos os democratas que, em grande unidade, deram um duro golpe na ditadura fascista. Jornada que teve um papel extremamente importante no caminho que nos levaria ao 25 de Abril», disse.

Marília Villaverde Cabral falou também da elaboração de uma brochura sobre os antifascistas presos em Angra do Heroísmo, nos Fortes de S. João Baptista e S. Sebastião (O Castelinho), e a sua apresentação, em colaboração com a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, lembrando que haverá uma deslocação aos Açores para homenagear esses lutadores pela liberdade e democracia que sofreram as mais diversas sevícias.

Depois de um apelo à presença significativa nas manifestações populares do 25 de Abril, a coordenadora falou da importância das sessões nas escolas e colectividades, agradecendo aos oradores e apelando para que o tempo do fascismo não seja esquecido.



DE NORTE A SUL

O Relatório de Contas de 2017 foi apresentado pelo presidente do Conselho Fiscal, Álvaro Contreiras, que referiu o estofo financeiro com que a URAP termina o ano e valoriza a recolha de fundos pelo núcleo do Porto, destinada à implementação do museu da resistência naquela cidade.

A Assembleia-geral foi dirigida pelo presidente da mesa, Levy Baptista, que falou sobre a perigosa situação internacional, tema igualmente usado por Marília Villaverde Cabral no discurso de encerramento em que asseverou que «a humanidade precisa de paz e de um desenvolvimento mais harmonioso, mais justo e mais humano, em todo o planeta».

Levy Baptista valorizou o trabalho da URAP, defendeu que a organização não deve, e não está, só virada para o passado. Considerou ainda que em termos de democracia e liberdade nada está seguro e a liberdade tem de ser defendida no dia-a-dia.

César Roussado, da direcção, observou na sua intervenção ser muito importante a existência de núcleos em todo o país e o facto de Lisboa contar com centenas de sócios. Destacou a constituição de um núcleo em Rio de Mouro e a perspectiva de outros em Cascais, Odivelas, Loures e Oeiras. Realçou a importância do Boletim e defendeu que se fizesse chegar a mais pessoas e fosse para além dos sócios. Referiu a homenagem ao trabalhador alentejano a realizar em Maio, associada à visita do núcleo do Porto ao Museu do Aljube.

Maria José Ribeiro, responsável pelo núcleo do Porto, fez um apanhado das iniciativas realizadas e a realizar e referiu a importância do registo de depoimentos para a preservação da memória, na medida em que muitos dos protagonistas nos vão deixando. Falou sobre a instalação do projecto museológico «Do Heroísmo à Firmeza» e dos esforços de recolha financeira associados a ela.

ACTIVIDADE DIVERSIFICADA

Ana Pato, responsável pelo Boletim e pela presença da URAP na Internet (página e Facebook), valorizou a importância do trabalho de informação e a necessidade de articulação com os núcleos para melhor a fazer chegar.

José Pedro Soares fez uma resenha sobre o Forte de Peniche, a instalação do museu e o livro. Nessa altura tinham já sido vendidos 5500 exemplares de «Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta» e realizadas mais de 20 sessões, plenas de riqueza e diversidade, estando marcadas muitas mais.

Vítor Dias interveio para chamar a atenção para a importância da comemoração evocativa do III Congresso de Aveiro, organizada em grande medida pelo núcleo local. Considerou que a cerimónia está a ser concebida com audácia, vai ser acompanhada por uma exposição evocativa e entregue uma placa comemorativa aos participantes ou familiares, caso estes já tenham morrido. Deu elementos históricos sobre o congresso, realizado em 1973.

Usaram ainda da palavra Francisco Canelas, Pedro Pinheiro, José Marcelino, Adelaide, Olga Macedo, Diamantino Torres, Mário Araújo, entre outros. Após a votação, por unanimidade, dos documentos apresentados, pelas cerca de 60 pessoas presentes vindas de vários pontos do País, algumas muito jovens, seguiu-se um convívio entre os sócios.



MEMÓRIA E EXEMPLO

URAP EVOCA III CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

O salão nobre da antiga Capitania de Aveiro, hoje Assembleia Municipal, estava repleto de pessoas para escutarem antigos dirigentes do III Congresso da Oposição Democrática, de 1973, e a responsável da URAP, organização que promoveu a sessão comemorativa. Evocar aquele momento singular do tempo da ditadura que se destacou pela unidade das forças democráticas, preservar a memória e perspectivar o futuro foram objectivos comuns aos oradores da sessão que decorreu dia 7 de Abril.



Para a coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, no III Congresso «de que poderemos tirar muitos ensinamentos, destaca-se vivamente a sua grande dimensão unitária. Em unidade se lutou contra o fascismo, em unidade se lutou contra a guerra colonial, em unidade se lutou pela liberdade».

MEMÓRIA A VALORIZAR

No mesmo sentido, Vítor Dias, que integrou a Comissão Nacional do Congresso, referiu que «a 45 anos de distância, merece em especial ser recordada, valorizada e homenageada a exemplar e fraterna unidade dos principais sectores e correntes políticas democráticas, com destaque para comunistas, socialistas, católicos progressistas, democratas independentes e algumas personalidades ainda ligadas ao republicanismo histórico, afirmada no III Congresso e depois coerentemente prolongada na combativa intervenção na farsa eleitoral de Outubro de 1973».

Vítor Dias lembrou a figura de Mário Sacramento, «grande obreiro» dos dois congressos anteriores, «grande personalidade da cultura e intelectualidade portuguesas, um humanista exemplar», para acrescentar que «o III Congresso foi tributário dos I e II Congressos Republicanos de 1957 e 1968, realizados com as características possíveis em concretas e anteriores conjunturas políticas».

O orador lembrou o momento político que se vivia em Portugal à luz da falsa liberalização lançada por Marcelo Caetano, que apesar de mudar o nome aos principais órgãos repressivos, mantinha a sua natureza fascista, «a que se somava o cada vez mais evidente atoleiro da guerra colonial em três frentes africanas», e as eleições legislativas marcadas para Outubro desse mesmo ano.

Depois de afirmar que esta cerimónia não se deve a um qualquer saudosismo, Vítor Dias garantiu que «a maioria dos que aqui viemos e aqui estivemos de 4 a 8 de Abril de há 45 anos pretende honrar a memória de um marco maior da resistência antifascista e de um momento muito importante nas suas vidas, mas são cidadãos e cidadãs que tiveram a felicidade de fazer, viver e construir a revolução de Abril».

«Com os seus conflitos e asperezas é certo, mas também e sobretudo com os seus tempos exaltantes e incomparáveis de generosidade individual e colectiva, de ânsia de justiça e progresso social, de fim da guerra e de conquista da paz e da liberdade de outros povos, de elevados padrões éticos de desinteresse pessoal, fraternidade, honestidade e alto sentido de defesa e prioridade ao interesse público e às aspirações populares», sublinhou.



O PAPEL DE MÁRIO SACRAMENTO

Jorge Sarabando, que pertenceu à Comissão Executiva do III Congresso, dirigiu a sessão, que foi organizada pelo núcleo da URAP de Aveiro e contou com a participação do presidente da Assembleia Municipal de Aveiro, Luís Souto Miranda, e o presidente da Junta de Freguesia de Glória e Vera Cruz, Fernando Marques.

Sarabando evocou Mário Sacramento e realçou, na sua intervenção, a importância do congresso na luta contra o fascismo e as suas repercussões. Intervieram também os aveirenses, membros da Comissão Executiva do III Congresso, António Neto Brandão, António Regala e Flávio Sardo.

Neto Brandão considerou que o êxito do III Congresso se deveu «ao espírito unitário e às mais de 200 teses diversificadas apresentadas» e que os presentes queriam a construção de uma sociedade livre e democrática ao invés de benefícios ou carreirismo político. Lembrou os democratas Mário Sacramento e Álvaro Seixas Neves e a machadada que o governo fascista levou, que abriu o caminho para o 25 de Abril. Foi «um marco histórico» na história contemporânea portuguesa, garantiu.

António Regala, por seu lado, lembrou que o congresso de 1973 só foi autorizado por ser ano de eleições «forjadas», e como a oposição aproveitou a ocasião para denunciar o aumento do custo de vida, o custo e a injustiça das guerras coloniais e a política de monopólios. Recordou a proibição da romagem ao túmulo de Mário



Sacramento, que a organização resolveu manter, e a carga policial bárbara que se lhe seguiu. «Caiu a máscara», disse.

Flávio Sardo fez uma resenha dos congressos republicanos de 1957 e 1969 e lamentou a desunião da oposição nessa ocasião para sublinhar que o de 1973 foi «um exemplo de unidade democrática». O III Congresso aconteceu em moldes diferentes dos anteriores e viu a questão colonial ser discutida, afirmou. Falou ainda da selvática repressão a congressistas, jornalistas e transeuntes. Lembrou que no pilar do Programa do MFA constavam três questões tratadas no congresso, como a formação de um estado democrático, a restauração da democracia e o fim da guerra colonial.

Sardo terminou citando o médico e democrata Mário Sacramento: «um democrata não morre, quando sucumbe transmite o facho e perdura nele.»

DO III CONGRESSO AOS DIAS DE HOJE

Coube a Marília Villaverde Cabral terminar a sessão evocativa do III Congresso da Oposição Democrática. Falou do congresso de 1973, descreveu o trabalho que a URAP realiza e demorou-se na análise da situação política nacional e internacional na actualidade. «Hoje, embora numa realidade diferente, precisamos muito da unidade de todos os democratas para que não esmoreça a consciência antifascista perante os enormes perigos com que o mundo está confrontado», disse, acrescentando que «vivemos uma situação internacional marcada por uma grande instabilidade e incerteza, com a acumulação de tensões e perigos de guerra em várias regiões do Mundo». A coordenadora da URAP lembrou ainda a luta pela democracia de alguns países da América Latina e o golpe de Estado que está a acontecer perante os nossos olhos no Brasil com a prisão do ex-presidente Lula da Silva. «Portugal, nos seus quase 900 anos de história, precisa da unidade dos democratas e patriotas para defender a sua soberania e afirmar na Europa e no Mundo uma política de paz e cooperação, na qual se destaca o respeito pela Carta das Nações Unidas», asseverou.

«Tal como os membros dirigentes do III Congresso da Oposição Democrática, que aqui homenageamos, e que com coragem e determinação enfrentaram o fascismo, também nós hoje, em unidade, defenderemos a Liberdade e a Democracia conquistada e aprofundada pela Revolução de Abril», disse a concluir.

MUSEU DA CIDADE, EM AVEIRO, ACOLHE EXPOSIÇÃO

No âmbito destas comemorações, foi inaugurada dia 7 de Abril, e esteve patente até 4 de Maio, no Museu da Cidade, em Aveiro, uma exposição fotográfica sobre o congresso.

Na inauguração estiveram presentes, entre outros, o presidente da Câmara Municipal, José Ribau Esteves, e os participantes da sessão evocativa do III Congresso – cidadãos aveirenses e democratas da zona de Lisboa e margem sul do Tejo que se deslocaram a Aveiro para o efeito.

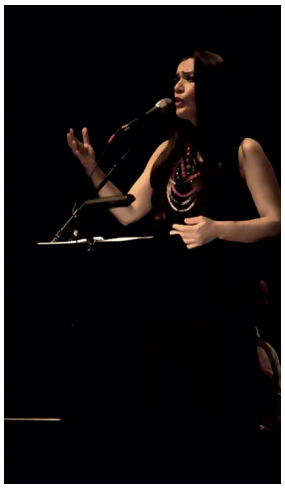
Após a visita à exposição, a URAP, organizadora das comemorações, entregou uma placa evocativa aos membros da Comissão Executiva presentes e a familiares dos já desaparecidos.

Foram agraciados os seguintes dirigentes: Álvaro Seiça Neves (advogado); António Neto Brandão (advogado); António Pinho Regala (estudante); Carlos Candal (advogado); Flávio Sardo (advogado); João Sarabando (publicista); Joaquim da Silveira (advogado); Manuel Andrade (advogado); e Mário Bastos Rodrigues (estudante).



ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES

As comemorações da URAP do 45.º aniversário do III Congresso da Oposição Democrática de Aveiro terminaram no dia 1 de Maio com um espectáculo musical. António Regala, do núcleo da URAP de Aveiro, presidiu à sessão, que teve sala cheia e contou com a participação do fotógrafo Sérgio Valente e do cantor Manuel Freire, eles próprios participantes no III Congresso, realizado em Aveiro entre 4 e 8 de Abril de 1973.



Sérgio Valente relatou, às cerca de 60 pessoas presentes, o seu passado de antifascista, lembrando as suas prisões, e recordou o que viveu como fotógrafo do III Congresso. Manuel Freire, por seu lado, falou sobre os acontecimentos em 1973 e a frustração que foi ter sido impedido pela polícia de chegar a Aveiro num dos dias do Congresso, mesmo pertencendo à Comissão Nacional.

O espectáculo «A Banda Amizade em Fausto» decorreu no 1.º de Maio com a participação de Ela Vaz, Rui Oliveira, Miguel Calhaz e do próprio Fausto. Com o Teatro Aveirense completamente lotado, o concerto foi dirigido pelo maestro Carlos Marques.

ENTREVISTA A SUSANA SOUSA DIAS

Susana de Sousa Dias é realizadora de cinema e professora universitária. Os seus filmes têm uma ideia fundamental: que a memória não se apague. O fascismo é o universo temático a todos eles. Foi assim em "Processo-Crime 141/53, Enfermeiras no Estado Novo", de 2000, em "Natureza Morta", de 2005, no "48", de 2010, e no seu último filme "Luz Obscura", de 2017, estreado já este ano. Nascida em 1962, a sua vida profissional não foi afectada pelo fascismo, mas sentiu a desigualdade de género que ainda atravessa os nossos tempos e o nosso país. É por isso que os seus filmes se centram na ditadura e no papel das mulheres. A sua obra cinematográfica é resultado de Abril e destina-se a perpetuar os que contribuíram para que Abril acontecesse.

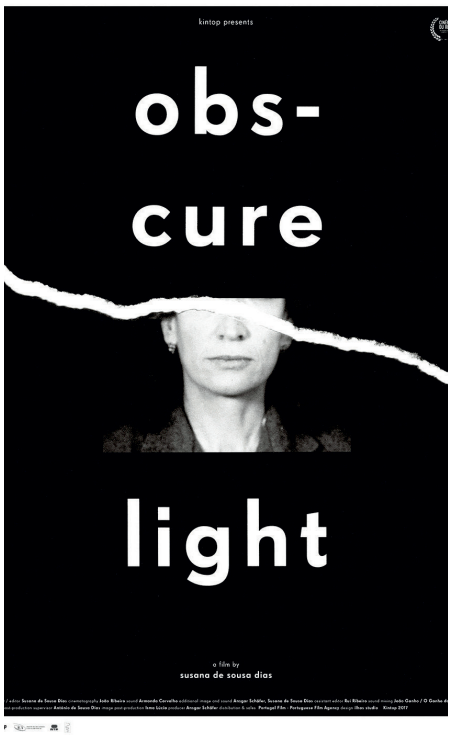


- A sua obra cinematográfica tem como assunto principal a ditadura. Porque é que escolheu este tema?

Tudo começou há vários anos, quando um produtor me convidou para realizar um documentário sobre cinema português dos anos 30 a 45, o período do auge da ditadura. Era impossível falar dos filmes sem falar da situação política. Foi nessa altura que me comecei a interessar especificamente pelo Estado Novo e pelas imagens produzidas nesse tempo. Aliás, fiquei muito interessada pelo que elas simultaneamente escondiam e, ao esconder, revelavam. Pouco depois, a minha mãe começou a fazer uma investigação sobre duas enfermeiras que foram perseguidas e posteriormente presas pela PIDE. Interessei-me pela história e fui ao Arquivo da PIDE/DGS para fazer a pesquisa sobre o caso. A partir daí abriu-se-me um mundo do qual se falava muito pouco e sobre o qual senti uma necessidade imperiosa de trazer à luz.

- No último filme, "Luz Obscura", há um núcleo familiar na clandestinidade. Há uma geração que já morreu, mas há filhos, que também foram presos, que ainda podem contar a história na primeira pessoa. Qual foi o seu objectivo ao dar-lhes voz?

O que me motivou, num primeiro momento, foi tentar perceber como eles conviviam com as suas memórias. Que luz nos poderiam trazer sobre o que é viver hoje, décadas transcorridas após o final da ditadura, com esta pesada herança. O Rui tem sensivelmente a idade do meu irmão, por momentos andaram na mesma escola, em Lisboa. É como se esta história, aparentemente tão distante, me viesse tocar, expondo aquilo que durante muitos anos não se quis ver: que a nossa ditadura não foi branda, que milhares de pessoas a sofreram na pele e que as consequências continuaram a perdurar na actualidade. Por outro lado, são eles que podem dar voz a quem já desapareceu, a quem corre o risco de ficar na sombra e a quem nunca teve sequer existência histórica, como, por exemplo, a avó.



- A figura da avó - ela é uma heroína anónima - traduz uma preocupação sobre a desigualdade de género?

Absolutamente. As figuras femininas na resistência são fundamentais, mas o seu papel é secundarizado em prol das figuras masculinas, tradicionalmente com papeis mais activos. Comecei a perceber a importância destas mães e avós através das várias conversas que fui tendo com antigos presos políticos, mas sobretudo com os seus filhos. Apesar de terem sido mulheres que tiveram um papel essencial pelo apoio que deram, foram-



se esfumando, são figuras apagadas na história. Aliás, se tivessem sido presas, pelo menos teriam deixado documentação que atestasse a sua existência dum ponto de vista político, teriam ficado inscritas no arquivo político. Assim, apenas as podemos alcançar através da memória dos que com elas conviveram.



- No filme "48" são os protagonistas que falam. São 16 pessoas e 16 histórias. Porque lhe deu este nome?

O título surgiu-me logo, muito antes de o filme estar concluído. Vivemos 48 anos em ditadura o que é uma enormidade. A uma dada altura no filme, o António Gervásio diz que o mais violento da ditadura foi a sua duração. Este é, de facto, o sentido do título.

- Fale-me do interesse pelo caso das enfermeiras, que deu origem ao seu filme de 2000?

Como referi há pouco, foi através da minha mãe, que estava a fazer o Mestrado em Estudos sobre Mulheres, que tomei conhecimento desta situação. A lei que impede as enfermeiras dos hospitais públicos de casarem, e que motivou a prisão das duas irmãs protagonistas do filme, é única no panorama das ditaduras europeias. O processo era tão absurdo que me interessou investigar mais. É também um claro exemplo da forma de actuar da PIDE e de todo o sistema repressivo. Ou seja, através do filme, tentei não apenas mostrar o desenrolar do processo, mas também contextualizar a situação e abordar os procedimentos da polícia política, dando sempre destaque à especificidade da repressão sobre as mulheres.

- Em "Natureza Morta" assistimos a um retrato da ditadura através de imagens de arquivo. Como foi?

Natureza Morta nasceu da conjugação das minhas investigações em três arquivos: o ANIM, da altura em que fiz o filme sobre cinema português, o arquivo da PIDE/DGS e um terceiro arquivo, o arquivo do exército, onde eu também fui quando estava a fazer o filme sobre as enfermeiras. Uma entrada num arquivo é algo sempre extremamente perturbador, abala as nossas convicções, destrói todas as certezas. Foi o que aconteceu comigo. Para além disso, deu-se uma estranha inversão: eu que sempre tinha vivido sob o signo do 25 de Abril e tomado a ditadura como passado, comecei a ver o que da revolução já se tinha perdido e o que da ditadura afinal ainda perdurava. Foi um processo muito complexo e muito sentido.

- É filha do cineasta António de Macedo, um dos realizadores mais activos do Novo Cinema português. A carreira do seu pai teve influência na sua vida profissional?

Directamente, diria que não, ou seja, não foi por causa do meu pai ser cineasta que decidi fazer filmes. Aliás, ele não queria que eu estudasse cinema, acho que não queria que eu passasse por aquilo que ele teve de passar. Mas apoiou-me sempre, foi com ele que eu tive as primeiras aulas de cinema, para me preparar para o exame. Quando acabei a escola de cinema e decidi tirar outro curso, ele ficou bastante contente. Apesar de termos concepções diferentes de cinema, foi sempre um dos meus primeiros interlocutores nos filmes.

- Já está a trabalhar num próximo filme? Sobre o quê? Continua empenhada em que a memória não se apague?

Quando comecei a fazer Luz Obscura, contactei com outros núcleos familiares. A ideia era fazer um filme com vários, não me centrar apenas num. A dada altura percebi que, afinal, cada um destes núcleos constituía uma história singular. Estou a terminar agora um filme focado no núcleo familiar do Jaime Serra.

Núcleo Santa Iria de Azóia

HOMENAGEM AOS ANTIFASCISTAS DE TORRES VEDRAS

O núcleo da URAP de Santa Iria de Azóia deslocou-se no dia 26 de Maio a Torres Vedras para homenagear resistentes antifascistas daquele concelho. Naquela que foi a 21.ª visita promovida pelo núcleo participaram cerca de 20 pessoas, acompanhadas pela coordenadora do Conselho Directivo da URAP, Marília Villaverde Cabral.

Na recepção no Paços do Concelho, a vereadora da Cultura da Câmara Municipal, Ana Umbelino, agradeceu a presença da URAP e salientou a importância do seu papel em manter a história viva para que não se esqueça a luta dos antifascistas, nomeadamente em Torres Vedras. Deu como exemplo os casos do tarrafalista Fernando Vicente, de Francisco Manuel Fernandes e do seu pai, Pedro Fernandes, preso político.

Já Marília Villaverde Cabral agradeceu a colaboração da Câmara de Torres Vedras na luta contra o esquecimento do que foi o



fascismo e a resistência e lembrou a recente sessão de apresentação do livro sobre a Fortaleza de Peniche em que participaram os antifascistas José Pedro Soares e Vítor Dias.

Na conversa que se seguiu, com Manuel Fernandes (que entre Maio de 1974 e Dezembro de 1976 foi presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Torres Vedras), foram relatados episódios sobre os primeiros meses da Revolução e da resistência antes do 25 de Abril: as reuniões da CDE, um plenário no Pinhal de Santa Cruz e a sua fuga pelo terraço de sua casa, em 1973, foram alguns deles.

LEMBRAR FERNANDO VICENTE

A comitiva deslocou-se a Paúl para visitar a rua e a placa que evoca o tarrafalista Fernando Vicente, na qual se pode ler «resistente antifascista, militante comunista, tarrafalista». Fernando Vicente foi um dos presos que «inaugurou» o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceu 17 anos. Libertado com o fecho do campo, manteve a sua actividade política clandestina, como militante do PCP, e viria de novo a ser preso em 1963, sem julgamento, e já com uma saúde débil devido aos maus tratos sofridos. Seria libertado ao fim de seis meses, mas morreu pouco depois, a 22 de Janeiro de 1965, na sua terra natal.

Fernando Vicente seria homenageado pelo núcleo da URAP ainda com uma deslocação à sua campa, no Cemitério de S. João, em Torres Vedras, onde foi depositada uma coroa de flores.

VIAGEM AOS AÇORES

A URAP promove uma viagem aos Açores, nomeadamente às ilhas de São Miguel e Terceira, entre os dias 30 de Setembro e 5 de Outubro deste ano. Do programa constam visitas guiadas ao Forte de S. João Baptista e Castelinho, antigas prisões políticas, e circuitos turísticos nas Ilhas em hotéis de 4 estrelas. Informações e inscrições podem através dos seguintes contactos: César Roussado (912699609) e Francisco Canelas (915585482).

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/**uniaoderesistentesantifascistasportugueses**

PUB

